

## MANCHAS GRÁFICAS: TATEANDO UMA POÉTICA ARTÍSTICA NA ESPACEALIDADE CONTEMPORÂNEA

MARIANA DANUZA CORTEZE<sup>1</sup>; ANGELA RAFFIN POHLMANN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>PPGAV Universidade Federal de Pelotas – maricorteze@hotmail.com

<sup>2</sup>PPGAV Universidade Federal de Pelotas – angelapohlmann.ufpel@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Passo meus dias escrevendo, tomando notas e por fim, redesenhandando aquilo que para mim falta no mundo. Sou atravessada, esculpida, sou matéria impressa e ao mesmo tempo gravurista. Torno-me, nesse contexto, inevitavelmente uma artista e pesquisadora que confunde a teoria e a prática, tramando laços de uma investigação acerca de uma singular poética visual. É, portanto, junto a este breve escrito que conduzo a pensamentos e questionamentos processuais da dissertação em andamento *Pequeno experimento de mundo impresso #2: Invenções de lugares de encontro* junto ao Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano.

A partir do momento em que proponho indagar a relação entre meu corpo ordinário e seu envolto – a casa, a rua, a cidade –, descubro outras formas corporais e incorporais de apreender este espaço. Isto é, invento aquilo que agora chamo de experimentos gráficos-espaciais. Estes são trabalhos artísticos que contornam um perceber e um criar que extravasam o domínio da visão: é mais do que tocar com olhos, com as mãos, é tocar com o corpo inteiro. Estes, ainda, exploram e compreendem o universo da gravura como a mais contaminada das linguagens artísticas, sendo capaz de se instalar em diferentes suportes e trafegar por muitos veículos<sup>1</sup>, tais como: carimbo, caixa propositiva, linóleogravuras, cartazes de rua, projeção urbana e publicação de artista.

Diante disso, pergunto: Será possível criar lugares através da impressão? Da multiplicação e circulação desses objetos gráficos? Lugares sem paredes, que dependem do contato com o outro? Que compõe a gravura contemporânea como potência multiplicadora de encontros? Sem demora, é ancorada no filósofo e historiador da arte francês DIDI-HUBERMAN (2009, p. 12) que inicio esse raciocínio, encontrando a seguinte elucidação: “O que está dentro, o que é a superfície são tensões que dispõem o horizonte aberto da obra. (...) Que lugar é esse? Um lugar para se perder, um caminho que leva a lugar nenhum, **pois o artista inventa lugares**”.

### 2. METODOLOGIA

Ao entender a gravura como meio de pensamento, se mostrando não como uma linguagem estagnada e sim como uma expressão acolhedora, propícia a reunir procedimentos alternativos de impressão, percebo que o ato de gravar e igualmente, o ato de imprimir, são disposições que organizam em matéria e poesia um procedimento vivo e vívido do fazer artístico. Nesse sentido, apresento aqui uma investigação que não encontra resultado imediato, mas se orienta caminhando, votando-se à cartografia como metodologia de uma pesquisa-

---

<sup>1</sup> Parte dessa produção está disponível em: <<https://www.behance.net/marianacorteze>>

intervenção que experimenta e ressignifica esse método em constante processo criativo. Afinal de contas, o sentido da cartografia poética é de acompanhar percursos, processos de produção que forjam sentido por meio da experiência: é um fazer-saber, é criar-se.

A professora e psicóloga cognitiva brasileira KASTRUP (2015) com fundamento nos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, aclara esse fazer processual, evidenciando que a cartografia não se encaixa como um método a ser aplicado, mas sim experimentado e assumido como atitude, visando acompanhar o processo e não representar um objeto. É, por assim dizer, uma metodologia que parte de uma exploração que se faz ao mesmo tempo em que é praticada, esboçando um planejamento possível onde trama relações entre a produção artística e acadêmica.

À vista disso, noto uma espécie de tessitura entre a forma que acredito, hábito e percorro o mundo – seja ele em dimensões poéticas ou institucionais. Essa percepção evoca o pensador francês PEREC (1989, p. 1) quando compartilha sua ideia de infraordinário, sendo este, um pensar que provoca as sutilezas, questionando o habitual e a anestesia incitada pelo cotidiano. Passo a citar: “Mas onde está a nossa vida? Onde está o nosso corpo? Onde está o nosso espaço?”. Perec me fez ter a certeza que questionar é procurar um como (porque sempre existe um como), uma alternativa para repensar e inventar novas formas de estar no mundo. E é talvez por isso, que entendo minha práxis artística na incumbência de (re)situar a vida mesma, nas suas múltiplas sensibilidades e formas de expressão, dando a ver acontecimentos menores, em oposição ao extraordinário, a espetacularização contemporânea.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É acreditando na invenção de lugares forjados por meio da gravura, provocando envolvimento, dobra e desdobra do corpo sobre si mesmo, que escrevo. De prontidão, a escrita poética converte-se em leitura de mundo. Mais que isso, a escrita é uma aventura da linguagem que alcança, aos poucos, a consciência do fazer artístico, do saber acadêmico. São linhas, manchas gráficas e textuais. São vírgulas, espaços em suspensão construídos na alternância entre o agir o escrever.



Figura 1: *Busca por uma consciência gráfica e espacial* (2017) Mariana Corteze  
Desenho em nankin sobre papel sulfite 180g, 10x14cm. Acervo da artista.

Por essa razão, adentro um pujante pensar: para aqui alcançar a compreensão sobre o próprio fazer artístico é preciso fechar os olhos, apertar as pálpebras, pressionar os lábios e respirar profundamente incontáveis vezes, para então, recordar a primeira memória de vida. Aquela que é só sua, afinal, ela só

existe porque você a contém. Aquela que guarda muito de nós. Ela, e apenas ela dirá que produzimos aquilo que para a gente falta no mundo. Articularia DELEUZE (1987, p. 3) nessa circunstância, que “o criador não é um ser que trabalha pelo prazer. O criador só faz aquilo que tem absoluta necessidade”.

Quanto a mim e ao vivido: a minha memória primeira é movimento, trânsito. É fluxo de forças estranhas, densas, expansivas, expressivas, forças que aceitam seu descontínuo e fragmentado trajeto. Ela situa-se justamente na estrada, dentro de um fusca *volkswagen* no ano de 1995. Sob meu olhar adormecido, encostado no assento traseiro do ressonante automóvel, via, sentia o mundo, a rodovia que em compassos trêmulos ficava para trás. Olhos imensos, escuros e confusos, mãos pequenas que insistiam em tocar o vidro da janela movente e deixar impresso seu calor, sua presença passageira. Dedos miúdos que desenhavam constantemente os contornos imprecisos da trajetória, que tentavam sentir a extremidade o vento que atravessava as frestas do veículo: era como se na ponta dos dedos existisse um pedaço de vida urgente. Passavam as nuvens, as pedras, as bicicletas. Passavam os postos de gasolina, os chiados do rádio, a sincronia dos nossos batimentos. Éramos nós três: minha mãe, meu pai e eu, saindo do Mato Grosso do Sul com orientação precisa ao Rio Grande do Sul. E tudo isso era mais do que uma simples uma viagem, que nem é tão simples assim – vista aos olhos esbugalhados da exploração na infância –, isso era nossa mudança. Para eles, o retorno. Para mim, o início.



Figura 2: *Poética da invenção* (2017) Mariana Corteze  
Desenho em nankin sobre papel sulfite 180g e colagem digital. 14x21cm. Acervo da artista.

De certa maneira essa memória estrutura e quem sabe, fortalece uma espécie de itinerário criativo. Ela se desdobra aqui em forma de escrita e mapeia um possível discurso em/com/sobre arte, traçando novas tonalidades, tramas e tessituras no diálogo do presente estudo. É memória que sai da ordem do pensamento e constrói sentido, tal e qual como o filósofo e sociólogo alemão BENJAMIN (1985, p. 40) manifesta em sua noção de rememoração; do termo origem: *eingedenken*<sup>2</sup> que implica em repetir aquilo que lembra, em “apoiar-se na

<sup>2</sup> Termo alemão arcaico, utilizado por Benjamin em função do seu significado literal (ein: “um”; gedenken: “lemburar”). É nesse sentido, uma espécie de jogo com o sentido literal do próprio termo: não se trata de mais da individualização, da redução de um elemento, e sim da união de dois elementos de dois níveis temporais diferentes.

lembrança, como ela cintila num instante de perigo". Rememorar é ressignificar, é dotar de novos e outros sentidos. Portanto, explorar a rememoração como potência inventiva, é utilizá-la como construção de um novo lugar, o lugar inventado pelo fazer artístico.

Saber dizer dessa potência da rememoração amarra a corrente produção e sucessivamente, me faz olhar para o meu trabalho como um domínio, um escape de mundo. Seus múltiplos e alternativos procedimentos de impressão são possibilidades de vazão criativa e habitação poética, alargando a espacialidade que ocupa. Fundo lugares. Fendo lugares. A partir do momento em que proponho e me aparro na gravura contemporânea, nos seus mais elásticos e libertos comportamentos de reprodução de imagem, lido com métodos manuais e mecânicos, marcas gráficas e espaciais que sugerem uma forma de acariciar e marcar o mundo, onde a fragilidade da matéria e do suporte são sua força. Afinal, conheço o mundo através do toque, entre minhas mãos e o espaço.

#### 4. CONCLUSÕES

Se venho aqui com uma proposta de pesquisa e produção artística que dialoga e expande as noções da gravura tradicional à arte impressa, venho também criar uma dinâmica que encontra desvios – tão necessários – a partir de relações de troca. Sinto agora as medidas do meu corpo. Minhas mãos tão nuas, tão cruas. Imersa em um mundo repleto de camadas de sinais visuais, verbais e sensoriais, revelo uma variedade material e técnica pautada em uma consciência poética que desvela acontecimentos da ordem do entre, do olhar atendo ao nuance. Com essa característica, os experimentos gráficos-espaciais são peças impressas que se preocupam com a constituição de sua escala (podendo ser pequenas como um selo ou grandes como um *outdoor*) em relação ao corpo experienciador do trabalho. Isto é, eles são uma experiência vivida, um lugar gráfico inventado a cada novo encontro.

[Agradecemos à CAPES e ao CNPq pelo apoio às pesquisas realizadas que deram origem a este texto.]

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II**: Rua de mão única. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- DELEUZE, Gilles. **O ato da criação**. Palestra de 1987. São Paulo: Folha de São Paulo, 1999.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia 2. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Ser crânio**: lugar, contato, pensamento, escultura. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.
- KASTRUP, Virgínia. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PEREC, Georges. **Abordagens de que?** In: *L'infra-ordinnaire*. Paris: Le Seuil, 1989.